

# POSSIBILIDADES EXPERENCIAIS ENTRE PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO, CULTURA VISUAL E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA ATARVÉS DA A/R/TOGRAFIA

ROBERTA MENDES MACHADO<sup>1</sup>; MIRELA RIBEIRO MEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CAPES. [robertammachado@hotmail.com](mailto:robertammachado@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas. [mirelameira@gmail.com](mailto:mirelameira@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre uma investigação de mestrado em andamento, junto ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – Mestrado, Área de concentração em Ensino da Arte e Educação Estética, pela Universidade Federal de Pelotas. Relaciona imagem – imagem que por vezes causa, inquietações e questionamentos, dada a sua complexidade e suas intersecções –, às possibilidades experienciais entre cultura visual, processo de identificação e experiência estética através da A/R/Tografia.

Assim sendo, faço ponderações entre os autores Michel Maffesoli, Marc Jimenez, Raimundo Martins, Irene Tourinho, Fernando Hernández, Belidson Dias e Rita Irwin para versar, fundamentar e problematizar aspectos atinentes às imagens da arte, da mídia, de campanhas publicitárias, revistas, internet, enfim, imagens e artefatos visuais, observando de que maneira estas influenciam o repertório imagético e os processos de identificações de um grupo de educandos do quinto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Daura Ferreira Pinto – onde sou professora de Arte –, na cidade de Pelotas/RS. Outras questões imbricam-se à inicial, quais sejam: investigar como se dá a construção das visualidades na idade dos educandos em questão (dez a quinze anos) a partir da cultura visual que os cerca; compreender como isso configura um processo de Educação Estética; indicar que transformações esta produz nestes alunos.

A imagem está inserida no contexto escolar contemporâneo, sento abordada atualmente sob um viés mais amplo, o da cultura visual, que por sua vez, trata das sociedades dominadas pelas imagens e informações, as quais circulam em velocidade desenfreada, fato este, que dificulta o controle ao acesso e a maneira como chegam até nós e, principalmente, até crianças e adolescentes. Por estar entreposta em um aglomerado de imagens e subjetivações, a escola de modo geral e em especial os arte/educadores, possuem a tarefa de orientar os educandos em meio a este emaranhado de imagens, seus conteúdos, sentidos, significados e meios de veiculação. Conforme Martins (2006),

O papel que arte e imagem desempenham na cultura e nas instituições educacionais não é refletir a realidade ou torná-la mais real, mas, articular e colocar em cena uma diversidade de sentidos e significados. Indivíduos de um mesmo grupo ou comunidade podem conviver com as mesmas imagens, mas cada um as vive e interpreta de maneira diferente, criando brechas e espaços de diversidade (p. 74).

O estudo da imagem através do ensino de Arte pode ser facilitado através do arte/educador, uma vez que, o mesmo está habituado a trabalhar com imagens.

No que tange à Educação Estética<sup>1</sup>, não se admite uma educação em Arte que não pressuponha o sensível como dimensão pedagógica. A experiência dos sentidos, das sensações, emoções e sentimentos “ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver” (DEWEY, 2010, p. 109). Ela é tão cognitiva quanto a experiência intelectual, pois carrega um tipo de conhecimento imprescindível, singular, para lidar com qualquer informação que chegue do exterior. A desmistificação do campo das visualidades através da experiência estética contribui para a formação de educandos mais sensíveis, reflexivos, autônomos. Destarte, torna-se indispensável em arte a educação estética, vivenciar experiências estéticas. A reflexão estética começa logo que é possível estabelecer uma relação entre o que é agradável aos sentidos e o que agrada à “alma”, entre o prazer sensível e o prazer inelegível, em outras palavras, entre a percepção e o julgamento [...] (JIMENEZ, 1999, p. 54).

## 2. METODOLOGIA

A investigação, qualitativa, embasa-se em uma metodologia fundamentada na A/R/Tografia<sup>2</sup>, uma nova metodologia de pesquisa caracterizada como uma pesquisa viva que se constitui em um encontro construído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais. Utilizar-se-á como instrumentos de pesquisa diário de campo, captação e produção de imagens digitais, impressas e outras, depoimentos colhidos através de expressões escritas dos alunos, e de aparelhos como câmera digital, *tablet*, computador, celular e outros.

A/R/Tografia é uma prática hermenêutica e pós-moderna, pois “não só reconhece a importância da interpretação própria e coletiva, mas ela compreende profundamente que estas interpretações estão em estado de devir e nunca podem se fixar em categorias premeditadas e estáticas” (CARSON; SUMARA, 1997, p. xviii in DIAS & IRW, 2013, p. 142). À A/R/Tografia interessa “criar as circunstâncias para produzir conhecimento e compreensão através de um processo carregado de pesquisa”. (IRWIN et al., 2009 in DIAS & IRWIN, 2013, p. 142), promovendo assim, novos vieses para os campos epistemológicos e metodológicos na área da pesquisa no campo da arte/educação.

A prática metodológica será desenvolvida com base na relação entre as imagens e seu possível poder de influência sobre os processos de construção identitária dos adolescentes em questão. Será solicitado a turma a elaboração de

---

<sup>1</sup> Estética (in. Aesthetics-, fr. Esthétique, ai. Aesthetik, it. Estética). Com esse termo designa-se a ciência (filosófica) da arte e do belo. O substantivo foi introduzido por Baumgarten, por volta de 1750, num livro (Aesthetica) em que defendia a tese de que são objeto da arte as representações confusas, mas claras, isto é, sensíveis mas “perfeitas”, enquanto são objeto do conhecimento racional as representações distintas (os conceitos). Esse substantivo significa propriamente “doutrina do conhecimento sensível”. Kant, que também fala (Crítica do Juízo) de um juízo estético, que é o juízo sobre a arte e sobre o belo, chama de “E. transcendental” {Crítica da Razão Pura} a doutrina das formas apriori do conhecimento sensível. Mas em Kant o substantivo E., alusivo à arte e ao belo, já não se referia à doutrina de Baumgarten; hoje, esse substantivo designa qualquer análise, investigação ou especulação que tenha por objeto a arte e o belo, independentemente de doutrinas ou escolas (ABBAGANO, 2007, p. 367).

<sup>2</sup> A/R/Tografia é uma Pesquisa viva, um encontro construído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais (IRWIN, 2013, p. 28). À investigação A/r/tográfica, interessa muito mais o processo, do que os resultados. Fala-se da vivificação na Pesquisa A/r/tográfica, pois se trata de estar atento à vida ao longo do tempo, relacionando o que não parece estar relacionado, sabendo que sempre haverá ligações a serem exploradas (DIAS & IRWIN, 2013, p. 29).

Diários A/R/Tográficos. O aluno será proponente de uma experiência estética/ visual, artista, executará suas ideias, pensamentos, sentimentos e intenções através de imagens como fonte de escrita e narrativa sobre eles próprios; e eu, estarei na condição de investigadora-professora.

Partindo disto, a construção dos Diários A/r/tográficos, será feita com base em uma série de perguntas, as quais deveram ser respondidas com imagens em cada diário. Todos os questionamentos estão diretamente ligados aos processos de construção identitária e as imagens da cultura visual que cercam os adolescentes. Cada aluno terá o seu próprio Diário A/R/Tográfico, o qual será on-line. Nele irão postar suas imagens como respostas, que poderão ser feitas através de imagens, de desenhos, pinturas, fotos ou de qualquer outro artefato visual.

A elaboração do Diário surge na intenção de investigar como o grupo em questão se enxerga, identifica, idealiza e personifica através das imagens, pretende registrar como transformam-se continuamente/cotidianamente e averiguar as possíveis influências da imagem nos processos de construção identitária.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na medida em que imagens são trabalhadas e fazemos reflexões acerca delas, as experienciamos, isto poderá transformar identificações e processos identitários apenas por estarmos fazendo um processo reflexivo sobre elas. A fim de contribuir na construção de sujeitos senti-pensantes, o estudo da imagem torna-se importante pois precisamos entender como ela se configura e configura mundo em que vivemos. A relação estabelecida entre A/R/Tografia, imagem, cultura visual, experiência estética e processo identitário, mesclam narrativas visuais que, conforme versa Martins,

[...] oferecem a possibilidade de se trabalhar questões da experiência formadora dos indivíduos que, de maneira geral, são constituídas por imagens ou referências imagéticas isoladas, dispersas. Essas imagens são de certa forma, marcas da trajetória e das vivências dos indivíduos. Processadas culturalmente como visualidades e transformadas em experiências, essas imagens tem fortes emocionais que expressam sentimentos de alegria, satisfação, medo, insegurança, vergonha, timidez, tristeza, decepção etc. (MARTINS, 2009, p. 36).

A relação entre as questões supracitadas, precisa ser pensada num contexto em que as imagens são vistas como fornecedoras de conhecimentos e saberes para as pessoas em termos de identificações sociais. As imagens nunca são vazias de representação, elas sempre representam algo conectado a classe social, ao gênero, a visão de mundo.

### 4. CONCLUSÕES

Espera-se, através da pesquisa contribuir para uma melhor compreensão dos processos de ensino de Arte, além de compreender a importância que a Educação Estética assume não só para os educandos, mas quais suas contribuições para nós docentes e para novas metodologias pedagógicas.

Torna-se necessário levar imagens para sala de aula, visto que podem e precisam gerar discussão na escola. Quando se fala de cultura visual, se discute

desde as imagens de arte até as imagens que estão no cotidiano dos alunos, imagens da cultura popular, publicidade, revistas, editoriais de moda, jornais, etc. Todos esses elementos são usados como referências dos alunos para poder construir sua identidade e se espelhar enquanto modelo de organização social, constituição de valores éticos, morais e culturais. Essas imagens precisam ser discutidas em sala de aula com enfoque crítico sem negligenciar o prazer que os alunos têm em lidar com elas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola, 1901-1990. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos de Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DEWEY, John. **Ter uma experiência estética**. In Arte como experiência. Organização Jo Ann Boydstins; editora de texto Harriet Furt Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro. – São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 109 – 141.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/R/Tografia**. Santa Maria: Editora UFS, 2013.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. **Catadores da Cultura Visual**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** / Marc Jimenez; tradução Fulvia M. L. Moretto. – São Leopold, RS: Ed. UNISINOS, 1999.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência** in Revista Brasileira da Educação. No. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução: Bertha Halpern Gurovitz. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARTINS, Raimundo. **Porque e como falamos da cultura visual?** Visualidades. Revista do Programa de mestrado em Cultura Visual – FVA I UFG, v. 4. N. 1 e 2, 2006, p. 64-79.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org). **Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2009.